

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DE UMA CIDADE  
A PARTIR DE FRANCISCO BARBOZA LEITE:  
O EXEMPLO DE DUQUE DE CAXIAS**

*Tania Maria da Silva Amaro de Almeida* (UNIGRANRIO)

[tania.amaro@unigranrio.br](mailto:tania.amaro@unigranrio.br)

*Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima* (UERJ)

[jpinheiro@unigranrio.edu.br](mailto:jpinheiro@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo principal pensar, a partir das fontes literárias sobre a região da Baixada Fluminense, especificamente a cidade de Duque de Caxias, as concepções de cidade esboçadas por Francisco Barboza Leite, que escreveu na e sobre a cidade, em sua própria contemporaneidade. Com seus textos, poderemos perceber a complexidade de uma cidade que, inserida na Baixada, tenta construir suas próprias interpretações produzidas por suas fontes literárias locais, aqui neste caso por Barboza Leite, revelando suas sensibilidades na apreensão e representação da realidade.

**Palavras-chave:** Memória. Duque de Caxias. Barbosa Leite.

**1. Apresentando a cidade**

Este artigo é parte das investigações para a tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes, da UNIGRANRIO, seguindo o pressuposto de analisar os olhares da literatura sobre a história do município de Duque de Caxias, situado na região periférica do Rio de Janeiro que se convencionou denominar de Baixada Fluminense, e que junto com esta região teve durante muitos anos, sua história colocada em plano secundário.

Fazendo parte de uma densa região metropolitana no entorno do polo central, essa periferia, como tantas outras formadas ao redor das capitais e das grandes cidades brasileiras, partilhou com sua cidade principal uma associação visível. Problemas sociais e ambientais semelhantes e relações de trabalho, produção e consumo que se complementam, além de fronteiras físicas que se unem quase em uma continuidade urbana, resultando em precárias condições de vida da maioria de sua população, somadas a altos níveis de violência e graves problemas de saúde pública.

No entanto, a relação da cidade do Rio de Janeiro com o recôncavo guanabarrino, onde se insere a Baixada Fluminense, desde os primór-

dios da colonização, sempre foi muito estreita. Em 1565, Cristóvão Monteiro recebeu a sesmaria do Igoassú, dando início a fazenda do mesmo nome. E, no ano de 1591, os monges beneditinos do Rio de Janeiro compraram parte dessas terras, recebendo, mais tarde, da viúva de Monteiro, outra porção. Formava-se, a partir daí, a mais antiga e importante fazenda localizada na região que, atualmente, constitui o município de Duque de Caxias. Na área da Fazenda de Iguaçú, conhecida depois como Fazenda de São Bento, ainda hoje persiste a edificação que lhe serviu de sede e, contígua a esta, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. O primeiro engenho da fazenda, construído em 1611, funcionou ininterruptamente por trinta e cinco anos e sua produção era enviada para a metrópole (PERES, 2004, p. 72-73). Com a fundação dos engenhos de Campos, Camorim e Vargem Pequena, em terras mais produtivas e que exigiam menor aplicação de recursos em trabalhos de infraestrutura, o engenho de Iguaçú foi se tornando obsoleto e, conseqüentemente, antieconômico, sendo mais tarde desativado.

A partir do abandono dos canaviais, as terras de São Bento passaram a ser utilizadas, durante algum tempo, como pasto. Já no início do século XVIII, ali podia ser vista uma promissora lavoura de mandioca para a produção de farinha. Durante a invasão francesa de 1711, a fazenda de São Bento abasteceu com gêneros alimentícios as tropas que vieram de Minas para combater os invasores. Um novo engenho, movimentado por animais, foi inaugurado em 1870, tendo como finalidade aumentar a produção de farinha. É importante assinalar que, desde os primeiros tempos, a olaria da fazenda produziu tijolos, ladrilhos e telhas para si e para as construções do Mosteiro no Rio de Janeiro, além de comercializá-los. Registre-se que, segundo Luiz Edmundo Tavares, o Rio de Janeiro recebeu sensível contribuição das regiões limítrofes, principalmente em telhas, tijolos, ladrilhos, fechaduras, enfim, material de construção. (MHN, 2003, p. 93)

Ainda no século XVIII, a relação da urbe carioca com a região se estreitou ainda mais, através dos “caminhos” que ligavam a região das minas, quando o eixo econômico do Brasil em sua relação com Portugal, voltou-se para o ouro do planalto mineiro. Com a necessidade do escoamento do ouro e o abastecimento da província mineira, a região da Baixada da Guanabara passou a ter importância estratégica, pois se transformou em área obrigatória de passagem, por conta de seus rios, bem como pelas estradas que foram abertas através das serras para que o trânsito de mercadorias se desenvolvesse melhor.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O “Caminho Novo” ou “do Pilar”, aberto devido às necessidades originadas pela mineração, entre elas um caminho rápido, econômico e seguro, que ligasse o Rio de Janeiro à região mineira, intensificou as relações daquela cidade com os portos da Estrela, Pilar e Iguaçu, promovendo a interação através da navegação no interior da baía.

Durante o oitocentos, eram três os caminhos oficialmente reconhecidos entre o Rio de Janeiro, através da Baixada Fluminense, e a região das Gerais. Entre 1699 e 1704, foi aberto o Caminho Novo do Pilar; no ano de 1724, o Caminho Novo de Inhomirim; e, em 1728, o Caminho Novo do Tinguá. Todos esses caminhos, depois de subir a serra do Mar, se encontravam em Santo Antônio da Encruzilhada, pouco antes de atingir a margem direita do rio Paraíba. A designação “novo” era aplicada a qualquer caminho que viesse a ser aberto, existindo vários “caminhos novos” ao mesmo tempo.

No século XIX, as freguesias da Baixada da Guanabara, região hoje conhecida como Baixada Fluminense, intensificaram ainda mais suas relações com o Rio de Janeiro, abastecendo a capital com alimentos e madeira e passando a armazenar e escoar a produção do café do Vale do Paraíba, sendo áreas de investimento do capital privado alocado na abertura de estradas e na construção da ferrovia Barão de Mauá (1854), principais vias de circulação de mercadorias do eixo Minas Gerais-Rio de Janeiro.

Portanto, podemos afirmar que a Baixada da Guanabara, ao longo dos séculos, constituiu-se como uma importante região de ligação entre o interior e o litoral, tendo esta posição estratégica contribuído decisivamente para transformações tanto na cidade do Rio de Janeiro como na própria região, revelando uma estreita interdependência econômica, social e cultural. É possível afirmar também que o crescimento urbano da cidade do Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e início do XX, afetou o recôncavo da Guanabara ao acentuar os contatos entre as duas regiões.

No ano de 1910, Merity (atual Duque de Caxias), então oitavo distrito de Nova Iguaçu, contava com uma população de pouco mais de 800 habitantes, número assustadoramente baixo se comparado aos 10.542 contabilizados no ano de 1872 pelo censo estadual. Essa queda populacional vertiginosa foi consequência direta de problemas que assolavam a região desde meados do século XIX, de crises econômica e ecológica que atingiram as terras baixas e empobrecidas do recôncavo gua-

nabarino. No entanto, vinte anos depois, em 1930, um novo censo registraria a presença de 28.756 habitantes em Merity. (BELOCH, 1986, p. 22; LUSTOSA, 1958, p. 84)

Esse crescimento reconfigurou socialmente Merity e a região como um todo. Ocorreram mudanças na estrutura fundiária e escravista e, a partir das novas relações de produção, novas redes de sociabilidade se estabeleceram, principalmente, às margens das ferrovias e de suas estações. Vizinho do polo central, o Rio de Janeiro capital, o município de Nova Iguaçu abrigaria em seus distritos, Merity particularmente, um contingente populacional deslocado da urbe carioca que para lá havia se dirigido, vindo do campo, em busca de oportunidades. A expansão da malha ferroviária carioca para a região da Baixada da Guanabara contribuiu para o deslocamento populacional e para o rápido povoamento ao redor das estações ferroviárias, além do declínio daquelas ligadas aos caminhos do ouro e aos portos. O impacto que a criação das estações ferroviárias provocou na região, contribuiu para o escoamento da produção agrícola e para a criação de núcleos de povoamento em seu entorno.

A partir de 1886, foi autorizado pelo Aviso do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (nº 158, de 18 de novembro), o tráfego ferroviário do trecho da estação de São Francisco Xavier ao rio Meriti, numa extensão de 14 quilômetros (SIQUEIRA, 1938, p. 81). Esta linha, chamada inicialmente de Estrada de Ferro Norte, concessão do governo imperial a Alípio Luiz Pereira da Silva, foi transferida a *The Rio de Janeiro and Northern Railway Company Limited* no ano de 1888, sendo adquirida, em junho de 1890, pela Companhia de Estrada de Ferro Leopoldina e transferida com diversas outras estradas de ferro para a *The Leopoldina Railway Company, Limited*<sup>71</sup>, pelo decreto 2.896, de 9 de maio de 1898.

A abertura desse trecho de tráfego ferroviário (entre São Francisco Xavier e o rio Meriti, 1886) e as ligações que se seguiram (mais 6,5 quilômetros de Meriti a Sarapuí, 1887; 28,192 quilômetros de Sarapuí a Freguesia do Pilar, 1887; e, entre Pilar e a Estrada de Ferro Príncipe do

---

<sup>71</sup> Uma curiosidade sobre o nome desta companhia férrea: de acordo com o autor citado na nota acima, o nome da empresa não provém de uma homenagem à Imperatriz Leopoldina, como muitos afirmam, mas sim devido à construção de uma estrada de ferro, no ano de 1871 que, partindo de Porto Novo do Cunha fosse ter à cidade da Província de Minas Gerais, Leopoldina. A Companhia que então se organizou adotou o nome "Companhia Estrada de Ferro Leopoldina", e com o passar dos anos, tendo construído novas linhas e adquirido outras, conservou seu primitivo nome, passando a ser "Leopoldina Railway".

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Grão Pará – Entroncamento, 1888), facilitaram a ligação entre a cidade do Rio de Janeiro e a linha que partia do porto de Mauá até Raiz da Serra, na subida para Petrópolis. Contudo, quando a ferrovia atingiu o vale do rio Meriti, a região hoje denominada Duque de Caxias, começou a sofrer os efeitos da expansão urbana do Rio de Janeiro. As estradas de ferro, obedecendo à lógica das transformações trazidas pelo desenvolvimento tecnológico, ditavam novos traçados nos caminhos, marcando, também, o princípio do processo de surgimento de vilas e povoados que se organizaram em torno das estações ferroviárias, origem de muitas das nossas atuais cidades.

Assim, no início do século XX, as terras da Baixada serviram para aliviar as pressões demográficas da cidade do Rio de Janeiro, já prenunciadas no "Bota Abaixo" do Prefeito Pereira Passos. Como já colocado anteriormente, os dados estatísticos revelam que, em 1910, a população da área central de Merity era de 800 pessoas, passando em 1920, para 2.920, e para 28.756 habitantes, em 1930. O rápido crescimento populacional provocou o fracionamento e loteamento das antigas propriedades rurais, naquele momento, improdutivas.

A partir dos anos 1930, durante a Era Vargas, o território do atual município de Duque de Caxias experimentou intensivo processo de remodelação de sua área, incorporando-se ao modelo urbano-industrial. O desenvolvimento pelo qual passava Merity levou o Deputado Federal Dr. Manoel Reis a propor a criação do Distrito de Caxias. Dessa forma, através do Decreto Estadual nº 2.559, de 14 de março de 1931, o Interventor Federal Plínio Casado elevou o local a 8º distrito de Nova Iguaçu.

Os anos 1940 encontraram o distrito com uma população que já atingia a casa dos 100.000 habitantes. Em 31 de dezembro de 1943, através do Decreto Lei nº 1.055, foi criado o município de Duque de Caxias, porém somente em 1947, foi eleito o primeiro prefeito por voto popular, tendo a câmara municipal sido instalada no mesmo ano.

As transformações econômicas e espaciais contribuíram para que a área do então distrito de Merity se desenvolvesse cada vez mais. A abertura, em 1928, da antiga estrada Rio-Petrópolis<sup>72</sup>, contribuiu decididamente para as modificações na região. Passava pelo centro de Merity e

---

<sup>72</sup> Atual Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, antiga Avenida Presidente Kennedy, que partindo do Rio Meriti na divisa do município com o bairro de Vigário Geral no Rio de Janeiro, corta o centro do atual município de Duque de Caxias até se encontrar após o bairro Pilar com a atual Rio-Juiz de Fora (BR-040) – Rodovia Washington Luís.

de Saraphuí e causou um forte impacto imobiliário especulativo, na medida em que acelerava a valorização das terras dos diversos sítios e fazendas que atravessava. Terras essas que já vinham sendo valorizadas por conta dos resultados obtidos pelas obras de saneamento na região e que passaram a ser violentamente disputadas.

O aparecimento de novos loteamentos, estimulado pelo novo eixo de deslocamento para o centro de Caxias e para o Rio de Janeiro atraía uma contínua massa de migrantes, que disputava espaço de moradia e condições de sobrevivência, davam progressivamente à região uma nova dinâmica social. Tenório Cavalcanti, um desses migrantes, deixou registrado em suas memórias um retrato contundente desse quadro de violência e insegurança que se instalou.

Caxias naquele tempo era um lugarejo inexpressivo, onde uns poucos milhares de aventureiros tentavam fazer fortuna a qualquer custo. Muitos bandidos haviam sido importados das plagas sertanejas para ‘trabalhar’ para políticos e donos das terras. Matar era simples questão de acionar o gatilho do revólver ou do rifle, sem que os criminosos se preocupassem com as consequências... (SILVA, 1954, p. 20)

A partir da década de 1940, o crescimento populacional multiplicar-se-ia nos bairros periféricos e o crescimento econômico e social das décadas seguintes aumentaria, substancialmente, as diferenças dos bairros da periferia em relação ao centro do município.

É nesse contexto que, em 1943, os distritos de Caxias, São João de Meriti, Xerém e Estrela emanciparam-se, compondo o novo município de Duque de Caxias. Este passou a ser composto por três distritos: Duque de Caxias, São João de Meriti e Imbariê. Em 1947, São João de Meriti emancipou-se de Duque de Caxias e, em 1954, o distrito de Imbariê deu origem a outros dois distritos, o de Xerém e o de Campos Elíseos.

Enquanto os anos 1940 seriam os da instalação de nossas instituições políticas, os anos 1950 e 1960 caracterizar-se-iam por marcarem o início da ação administrativa dessas instituições. Nesse momento, vamos encontrar o município com uma população próxima à casa dos 100.000 habitantes e quase totalmente desprovida de infraestrutura para atendimento das necessidades mínimas dessa população. Entretanto, o desenvolvimento econômico seria marcado com a instalação de indústrias e um ativo comércio, sendo significativo ressaltar a instalação da Refinaria Duque de Caxias, entre 1957 e 1962.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

É importante também acrescentar que a década de 1960 reservaria para Duque de Caxias uma nova e desagradável surpresa: o município passou a ser considerado “Área de Segurança Nacional” e, através da Lei Federal nº 5.449/68, perdia sua autonomia política, passando a ter, conseqüentemente, seus governantes nomeados.

Entre as décadas de 1950 e 1980, Duque de Caxias cresceu muito, em nada lembrando o quarto distrito de Nova Iguaçu, a Merity do início do século XX.

Hoje, localizado estrategicamente junto às principais rodovias do país – Presidente Dutra, Washington Luís, Avenida Brasil, Linhas Vermelha e Amarela –, segundo dados do IBGE<sup>73</sup>, o município de Duque de Caxias possui uma população de 878.402 habitantes, distribuídos nos seus 467,619 km<sup>2</sup>, e ocupa o segundo lugar no ranking de arrecadação de ICMS do estado do Rio de Janeiro, perdendo somente para a capital, de acordo com pesquisas da Fundação CIDE/CEPERJ. A receita orçamentária bruta estimada nos orçamentos fiscal e da seguridade social, conforme a legislação tributária vigente é de R\$ 3.053.207.067,00 (três bilhões, cinquenta e três milhões, duzentos e sete mil e sessenta e sete reais), sendo um dos cinco municípios com maiores participações no ranking do PIB no estado (5,8%), apenas ficando atrás do Rio de Janeiro (45,3%) e de Campos dos Goytacazes (8,0%), sendo seguido por Niterói (3,1%) e Macaé (2,7%).

A saúde financeira de Duque de Caxias é alimentada, principalmente, pelas altas receitas do ICMS das empresas que vêm crescendo a cada ano. No entanto, as pesquisas que medem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), índices direcionados às análises educacionais, de renda e de longevidade de uma população, indicam que o município é o 52º do estado. O valor síntese do município de Duque de Caxias é 0,753, valor estimado em médio, mas ficando atrás de municípios como Niterói, Volta Redonda, Iguaba Grande, Armação dos Buzios, Arraial do Cabo, Mangaratiba, Cordeiro e Itaperuna.

É no sentido de contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a história do município de Duque de Caxias, que decorre este artigo. Contemplando a aproximação entre história e literatura, ao se apropriar

---

<sup>73</sup> Os dados são referentes aos Censos de 2010, 2009, 2008 e 2003, variando de acordo com as estatísticas disponibilizadas pelo IBGE no ano de 2011 e estimativas para 2013/2014. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330170&search=rio-de-janeiro/duque-de-caxias>. Acesso em: 06-2015.

da obra literária “...como um problema histórico a ser explorado e analisado” (CHALHOUB & PEREIRA, 1998, p. 7), pretende-se tomar como objeto de estudo a questão das representações da cidade no âmbito da poética e literatura da Francisco Barboza Leite.

## **2. O artista e seus escritos**

Pesquisas sobre a história local e regional que, no nosso caso, têm como foco o município de Duque de Caxias e a região da Baixada Fluminense, a despeito da clareza da sua função, talvez não tenham assim tão explícita sua importância, o que provoca reflexão a respeito.

O foco da história local e regional nunca foi muito relevante no universo temático da história. Suas questões sempre foram identificadas por boa parte da academia como uma espécie de exercício do exotismo e de exaltação conservadora, fruto talvez da função legitimadora que esse tipo de estudo cumpria junto aos poderes locais sobre os quais se dedicava até bem pouco tempo.

No entanto, cabe ressaltar que as novas abordagens de investigação da história local e regional têm um potencial bastante revelador da realidade social sobre a qual se debruça. A pesquisa histórica em seu âmbito nacional não alcança as peculiaridades que a dimensão local e regional permite alcançar. A identificação dessas peculiaridades e a reflexão sobre elas cumprem uma dupla função: de um lado, promovem a revelação de uma realidade não alcançada pela abordagem mais geral, legitimando-a; e, ao mesmo tempo em que dialoga com ela, enriquece-a enormemente.

Outro tópico importante que cabe ressaltar é o papel de memória social que as pesquisas sobre *o local* exercem. Ao registrar nas produções, depoimentos e reflexões dos agentes sociais e sobre os processos históricos, permite-se que diversas “vozes” importantes possam ser “ouvidas”, o que só contribui para a diversidade de opiniões e abordagens tão significativas para a investigação científica sobre a realidade social.

Por conta disso, propomos esta investigação como contribuição à demanda existente no panorama acadêmico e cultural da Baixada Fluminense e do Rio de Janeiro como um todo. Além disso, esta perspectiva da história é importante instrumento de busca pela autoestima da comunidade, além de agregar valor ao patrimônio histórico, contribuindo para a preservação da memória histórica e cultural, favorecendo no resgate da

identidade, permitindo assim, a garantia do exercício pleno da memória e da cidadania, oferecendo reflexão sobre o quadro social, político, econômico e cultural.

A Baixada Fluminense localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, é reconhecida por uma representação hegemônica de violência, miséria e descaso social. Sua história precisa ser reconstruída para o reconhecimento de nossas raízes, a fim de que possamos entender a inserção da nossa história local no todo. Para isso, buscamos neste estudo, o caminho interdisciplinar, no qual pretendemos conduzir nossas abordagens, possibilitando o diálogo da história com outras áreas da produção do conhecimento científico, principalmente, a literatura, pois, assim como coloca Sandra Jatahy Pesavento:

Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música. (PESAVENTO, 2006a, p. 3)

O autor escolhido para nossa investigação é Francisco Barboza Leite, um artista múltiplo que, vindo do Ceará, atuou como artista plástico, poeta, escritor, jornalista, ensaísta, cenógrafo, ator e compositor. Era amigo de Solano Trindade, com quem trabalhava no IBGE e que o trouxe para Duque de Caxias nos anos 1950, onde passou a coordenar a Escolinha de Arte da Fundação Álvaro Alberto, antiga da Escola Regional de Meriti, mais conhecida como “Mate com Anjo”.

No período em que participava da Orquestra Sinfônica de Duque de Caxias, Barboza Leite compôs a canção “Exaltação à Cidade de Duque de Caxias”, que se tornaria, mais tarde, o hino oficial da cidade. Ajudou a organizar “a mais importante exposição de Artes Plásticas já realizada em Duque de Caxias, tal a envergadura de seus participantes: Antônio Bandeira, Goeldi, Bruno Giordi, Inimá, Barrica, Ana Letícia (sua ex-aluna na Associação Brasileira de Desenho) e Iberê Camargo, entre outros”. (CARDOSO, 2002, p. 9)

No ano de 1967, colaborou com Laís Costa Velho na criação do primeiro teatro da cidade, o teatro municipal Armando Melo. Foi de Barboza Leite o anteprojeto para a criação do Centro de Arte e Cultura, apresentado à prefeitura municipal de Duque de Caxias e que, no entanto, não saiu do papel. Militante da cultura sem posicionamento político-partidário, o que lhe rendeu a marca, dada por amigos, de humanista ou

progressista, mantinha um ateliê de pintura na cidade do Rio de Janeiro, incentivando vários artistas locais a se apresentarem na capital e de onde arrebanhou vários outros para expor em Duque de Caxias.

Articulista nos periódicos locais, Barboza foi um dos idealizadores dos jornais *Grupo* e *Tópico*. Organizou salões de arte e pintura, criou jornais e revistas que tinham como eixo a cultura local, publicou vários livros e produziu filmes em super 8, implantando a Primeira Feira de Artes de Duque de Caxias e colaborando na criação do Conselho Municipal de Cultura, o qual presidiu por dois anos. Escreveu peças teatrais, dirigiu outras e atuou também como ator e contrarregra. Ocupou o Conselho Municipal de Cultura, mas se negava a participar da Academia Duque-caxiense de Letras e Artes. Recebeu o título de Cidadão Duque-caxiense e a Comenda do Mérito Duque de Caxias, entre outras distinções.

Nos anos 1980, Barboza Leite integrou o grupo *Arte e Comunicação* (ARCO) e, em 1991, participou da elaboração da proposta de criação da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias, desenvolvendo diversos projetos culturais nessa nova secretaria, entre eles os Salões de Artes Plásticas, a Feira do Folclore Nordestino, a edição do livro *Viagem pela Poesia*, abrangendo a produção poética da cidade de Duque de Caxias no período de 1940 a 1990. Nesta obra, Barboza reuniu poemas de 103 poetas radicados na cidade. A culminância desse trabalho aconteceu em julho de 1992, quando foi criada, através da Lei Municipal nº 1.129, a Escola de Artes da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias, que teve Barboza Leite como seu primeiro diretor.

Esse artista múltiplo escreveu diversos livros de poesias, contos e crônicas, entre eles *Contrastes e Confrontos*, *O Chão de Caminhos*, *Ânfora de Enigmas*, *Os Espaços Abertos*, *Entre o Sol e a Solidão*, *A Distância Infinita*. Além de cordéis como *A Grande Feira de Duque de Caxias* e *A Verdadeira História da Cidade de Duque de Caxias*, produziu livreto de contexto histórico livre em prosa lírica intitulado *Trilhas, Roteiros e Legendas de uma Cidade Chamada Duque de Caxias*. Também, elaborou junto com Rogério Torres, *Duque de Caxias – Foto Poética*.

Nesta produção acerca do município, Barboza Leite demonstra claramente seu apreço pela cidade que o acolheu e onde será homenageado a partir de 14 de dezembro de 2005, através da Lei nº 1.926, quando a sua data natalícia – 20 de março –, tornou-se o Dia Municipal da Cultura.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

Neste sentido, ao analisar as representações da cidade explicitadas nas obras desse autor, buscamos identificar e discutir as questões em jogo numa determinada temporalidade, expressando formas diversas de pensar, sentir, imaginar, representar (PESAVENTO, 2006b, p. 22-23), e assim, referenciando as produções literárias desse autor como testemunho histórico articulado ao modelo de sociedade na qual estava inserido.

História e literatura, cada uma de acordo com suas abordagens, tem como seu produto uma narrativa. As duas narram, recontam, problematizam de acordo com quem escreve e, possivelmente, com as utilizações da memória. Ambas falam sobre acontecimentos e realidades sob o olhar de seu construtor, recheadas de personagens, tramas e enredo durante a sua produção. Essa construção ainda passa pelos posicionamentos de quem lê. Então, cada narrativa reflete uma visão de mundo diferenciada, marcada pela interlocução. Segundo Sandra Jatahy Pesavento,

por vezes, esta aproximação da história com a literatura tem um sabor de *dejà vu*, dando a impressão de que tudo o que se apregoa como novo já foi dito e de que se está “reinventando a roda”. A sociologia da literatura desde há muitos anos circunscrevia o texto ficcional no seu tempo, compondo o quadro histórico no qual o autor vivera e escrevera sua obra. A história, por seu lado, enriquecia por vezes seu campo de análise com uma dimensão “cultural”, na qual a narrativa literária era ilustrativa de sua época. Neste caso, a literatura cumpria face à história um papel de descontração, de leveza, de evasão, “quase” na trilha da concepção beletrista de ser um *sorriso da sociedade...* (PESAVENTO, 2006 a, p. 2)

No cruzamento do literário com o histórico, encontramos novos desafios e indagações. Seria possível problematizar a história na literatura que se escreve em um determinado tempo? Palavras, expressões ou estilos de escrita encontrados em um determinado documento só começam a adquirir sentido se não se quer cometer anacronismos, quando colocadas em seus contextos próprios de produção e circulação. Citando Roger Chartier:

Mas há uma [...] maneira talvez mais inesperada de considerar a relação entre literatura e história. [...] descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético. Semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias fundamentais que caracterizam a “instituição literária”. Tanto na Antiguidade como na ordem moderna do discurso literário, três noções constituem tal instituição. Em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a ideia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e solitariamente, mesmo quando se encontrar em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como

a atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido. Mas é preciso ter distanciamento em relação a esses três supostos para compreender quais foram as razões da produção, as modalidades das realizações e as formas das apropriações das obras do passado. E também é preciso compreender em sua própria historicidade e instabilidade. (CHARTIER, 2000, p. 197)

Ainda, ao se pensar as vias de aproximação entre a história e a literatura, ao historiador é possível participar da averiguação daquilo que motivou o produtor da narrativa a fazê-la, quais memórias do tempo estão presentes ali. Assim, o historiador facilmente poderá entender a literatura como um convite para a reflexão sobre o passado. Ainda segundo Pesavento,

História e memória partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real. São discursos, pois. Falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade. Como narrativas sobre algo, são representações, ou seja, são discursos que se colocam no lugar da coisa acontecida. Correspondem a elaborações mentais que expressam o mundo do vivido e que mesmo se substituem a ele. Mais do que isto, história e memória são discursos portadores de imagens, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala. Nesta medida, são, ambos, presentificação de uma ausência, atributo de toda a representação que, em essência, é um “estar no lugar de”. (PESAVENTO, 2006 c, p. 2)

Este caminho interdisciplinar através do qual pretendemos conduzir nossa abordagem, possibilitando o diálogo da história com outras áreas da produção do conhecimento científico, principalmente a literatura, tem como objetivo principal pensar as concepções de cidade esboçadas por um autor que escreveu sobre a sua própria contemporaneidade.

A região da Baixada Fluminense, localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, é reconhecida por uma representação hegemônica de violência, miséria e descaso social. Mas, a relação do polo central – o Rio de Janeiro –, com as povoações, freguesias e vilas do recôncavo guanabarrino, desde os primórdios da ocupação europeia, sempre se deu de forma estreita, tendo sido a Baixada um eixo estratégico no processo de interiorização da ocupação colonial. Essa relação contribuiu decisivamente, para transformações tanto na urbe carioca como na própria região, revelando uma estreita interdependência econômica, social e cultural.

Na sua obra *Trilhas, Roteiros e Legendas de uma cidade chamada Duque de Caxias*, Francisco Barboza Leite, em prosa poética, descreve o processo de constituição, desenvolvimento e transformações da cidade. No primeiro poema da obra, intitulado *A Gênese*, Barboza assume o papel descritivo do processo de criação do território, revelando, através dos

olhos surpresos do migrante, o meio físico, a geografia de uma terra exótica. É o poeta e profeta descrevendo o processo de construção do paraíso, tal qual a gênese bíblica. No texto, pode-se perceber que o autor resalta a beleza local como se, a cada frase, as montanhas, vales, morros e caminhos fossem sendo criados. Ao assumir sua *poiesis*, sua atividade de criar, o poeta relata, através da imagem criativa, sua visão do território, do surgimento da Baixada Fluminense e de Duque de Caxias.

No verso “e eis que entre montanhas elevadas, o vale se abre numa expansão dominada por colinas que a planície acolhe em seu regaço” (LEITE, 1986, p. 1), contido no poema *A Gênese*, nota-se que o autor parece estar admirado ante a natureza que se impõe ao olhar do migrante, ele próprio um migrante submetido ao novo meio físico, como se visse surgir, ao escrever, o vale entre as montanhas. Percebe-se quase uma surpresa nos referidos versos.

Ao reconhecer o município de Duque de Caxias com seus “lugares de memória”, consideramos os saberes locais como essenciais para o entendimento da nossa própria história, proporcionando condições de reconhecimento da população duque-caxiense como agente do seu fazer, construtora de memórias e identidades.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. (NORA, 1993, p. 13)

Assim, ao analisar os usos feitos pela população duque-caxiense e suas interpretações do próprio território, estaremos oportunizando condições para que se reconheça como sujeito histórico, permitindo a leitura crítica do mundo vivido. Ao estudar as relações da história e dos olhares da produção literária sobre a região, desdobrando de que forma Barboza Leite enxergou a sua cidade, imaginamos construir explicações que nos permitam ampliar o conhecimento sobre o passado, de forma que tenhamos novas concepções para as relações sociais de nosso presente, em região tão carente de estímulo à análise da sua formação social, cultural, política e econômica.

Continuando a sua narrativa sobre a formação da terra que veio a ocupar, Barboza Leite parece descrever a sensação de felicidade da mesma ao receber seus moradores, mas também, relata de forma poética

os perigos escondidos naquela nova terra, capazes de surgir, caso os forasteiros fizessem mau uso delas. Eram as águas paradas, a febre, a sentença de vida ou morte escondida. O paraíso testemunhado assim pelo poeta, ofereceria a recompensa ou a punição aos seus novos moradores.

O sol repartia-se em brilhos na planície de rios soltos, de várzeas úmidas, brejos extensos, águas paradas onde as febres se aninhavam na aparência tentadora dos remansos, no discurso das chalupas traçando itinerários, conduzindo as vontades, removendo a vida ou a morte entre suas tábuas. (LEITE, 1986, p. 2)

Para Barboza Leite, os novos filhos da terra recém-surgida estavam construindo seu futuro. Fincavam seus pés no lodo e abriam novos caminhos. Aterravam brejos, expandiam clareiras e cimentavam seus futuros. Os forasteiros, com a perspectiva de pertencimento, estavam criando uma nova identidade.

Portanto, a aproximação com os lugares de memória demanda uma operação crítica que permita construir, com os fragmentos que esses lugares representam, uma das leituras possíveis da totalidade do processo histórico que os selecionou e revestiu de um particular significado, para desvendar as marcas do tempo vivido.

Lembrando ainda Pierre Nora, a memória tornou-se objeto da história, sendo por esta filtrada, o que impede o estabelecimento de diferenças entre a memória coletiva e a memória histórica. Mais do que isso, fala-se muito em memória atualmente, mas porque a memória já não existe e tudo aquilo que se considera memória é, para Nora, história.

Maurice Halbwachs, na obra *A Memória Coletiva*, já procurava sublinhar a diferença entre história e memória. Suas reflexões podem ser colocadas da seguinte forma: a memória coletiva ou social não pode se confundir com a história. A história, de acordo com o autor, começa justamente onde a memória acaba e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Assim, a memória é sempre vivida, física ou afetivamente. No instante em que o grupo desaparece, a única forma de salvar as lembranças, que para os grupos existentes são exteriores, “é fixá-las por escrito em uma narrativa uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”. (HALBWACHS, 1990, p. 8)

No cordel *Estórias de Retirantes*, Barboza Leite escreve

Às vezes fico pensando  
nos caminhos percorridos

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

por um homem sempre andando  
desde que é nascido.  
Do lugar em que nasceu  
traz o homem o sentido,  
também dos que conheceu  
igualmente vem nutrido.

(LEITE, 1984, p. 1)

Com o pressuposto da discussão central na obra de Halbwachs, que versa sobre a questão de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, o lugar de onde vem, para Barboza Leite, é marcante. Assim, com Halbwachs afirmamos que a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. A origem de várias ideias, sentimentos e reflexões são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Acerca da memória individual, o autor refere-se à existência de uma “intuição sensível” Assim, “haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social – admitiremos que se chame intuição sensível”. (HALBWACHS, 1990, p. 41)

Mas, as memórias individuais referem-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas, sendo assim, construídas a partir das referências e lembranças próprias do grupo, a partir das vivências desse grupo, sendo reconstruídas ou simuladas. Podemos, assim, criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens”. (HALBWACHS, 1990, p. 76-78)

Nos escritos de Barboza Leite, a memória coletiva está bastante presente. Em outro cordel, intitulado *A Verdadeira História da Cidade de Duque de Caxias*, o poeta coloca:

Vou falar de uma cidade  
da Baixada Fluminense  
que ganhou notoriedade  
que ao meu sentir não convence  
– preciso é que se repense  
– no que sobre ela foi dito  
em tanto papel mal escrito

que a imprensa divulgava  
e, de tal modo criava  
a noção falsa de um mito

A cidade é muito nova  
mas cresce muito depressa  
digo e ofereço a prova  
que é o que me interessa  
para que o valor meça  
de uma terra em expansão  
formada sem previsão  
guiada mas pelo senso  
de um proveito assaz imenso  
fruto espontâneo do chão.

(LEITE, 1984, p. 1)

Ainda utilizando este escrito de Barboza e de acordo com Luiz Costa Lima, na obra *A Aguardar do Tempo*, lembramos que a narrativa ficcional é um meio próximo e distinto das narrativas históricas. Mas, de acordo com Lima, enquanto a narrativa histórica deve construir o seu discurso sob a base da verdade, a narrativa ficcional, por sua vez, deve proporcionar ao receptor a oportunidade de questionar se é verossímil ou não. Assim, a abordagem de Lima prevê a “a vontade da verdade”, que é a necessidade de questionar a verdade nos discursos vigentes, “o que parece verdadeiro não precisa, no menor grau que seja, ser verdadeiro; mas deve positivamente parecê-lo”. (LIMA, 1989, p. 105). Ou seja, que cabe à narrativa histórica a obrigação com a verdade e a realidade, enquanto a narrativa ficcional tem a permissão de criar um efeito de realidade, mas que não é indispensável ao seu discurso.

Ao buscarmos interpretar a obra de Barboza Leite, podemos verificar que na sua visão, os migrantes que chegaram e multiplicaram-se na cidade de Duque de Caxias deram origem a ruas, bairros, vilas e cidades. O poeta relata o processo de construção que vai das taipas à alvenaria e cimento que, aos poucos, vão dando vida, constituindo lugares, repartindo a terra e dando novos nomes. O migrante passa a ser o cidadão e do seu esforço sucedeu a visão de construtor de um novo mundo. Homens e mulheres acharam seu lugar, seu pedaço de chão na terra prometida e moldaram-na para ser chamada de lar, porém esse processo de instalação foi constituído de muitas lutas no dia a dia desse povo. Evidencia-se a partir da interpretação da obra de Barboza Leite que o poeta tem consciência dos problemas a serem enfrentados pelos forasteiros na construção da identidade e história desse território, mas que como testemunha que se

tornou através da gênese poética, percebe a nova terra com o olhar sensível.

A partir disso, lembramos que a memória individual não está isolada. Frequentemente, tem como referência pontos externos ao sujeito, não havendo memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito. (HALBWACHS, 1990, p. 81)

A memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o que permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita. Segundo Halbwachs, o suporte em que se apoia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica.

Assim, o que pretendemos é considerar as obras de Francisco Barboza Leite como fontes literárias relevantes, produtoras de sentidos para a história local e regional. Nessa perspectiva, buscamos contribuir com a questão de como o discurso literário pode propiciar ao historiador uma investigação aprofundada através das memórias que se revelam nas narrativas desse autor, cuja voz transmitirá a visão e os valores da sociedade onde estava inserido, afirmando com Halbwachs que é no contexto das relações dentro do grupo que construímos as nossas lembranças. Através das lembranças de Barboza Leite, que se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que Halbwachs denomina “comunidade afetiva”, pretendemos recuperar as referências de uma cidade, referências estas como narrativas sobre algo, representações que se colocam no lugar da coisa acontecida.

Ainda, para fundamentarmos este estudo, também nos apropriamos das observações de Roger Chartier sobre o conceito de representações. Segundo Chartier, no que se refere à história cultural, esta toma como objeto de estudo “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 2002, p. 16)

Ao utilizar as fontes literárias produzidas sobre o município de Duque de Caxias, refletimos sobre a noção de que as representações espelham ideias e concepções que não se esgotam em si mesmas. Refletem, sim, relações e interesses através dos quais podemos esclarecer “os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção

do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. (CHAR-TIER, 2002, p. 17)

Concluindo, gostaríamos de tecer consideração acerca de quando um historiador se ocupa da literatura, a literatura é especificamente documento do quê? Novamente, utilizando as afirmações de Sandra Jatayh Pesavento, nas quais afirma que as representações consistem nas formas integradoras do grupo social, ou seja, suas normas, discursos, imagens, ritos, etc, são essas normas que dão coesão e existência à determinada coletividade. São tais representações que fazem com que os homens percebam a realidade e “pautem a sua existência” (PESAVENTO, 2005. p. 40). Em suma, é a explicação da realidade compartilhada por pessoas que vivem em um determinado grupo.

A cidade de Duque de Caxias será problematizada, contextualizada e explicada nos escritos de Francisco Barboza Leite. Ele fala da e sobre a cidade. Quando compôs o hino “Exaltação à Cidade de Duque de Caxias”, o autor cantou o arvoredo e os pássaros que nos idos anos 1960 sobrevoavam a localidade, além da vocação que a mesma tinha para o trabalho e progresso.

Todo o arvoredo  
é uma festa de pardais  
acordando a cidade.  
Toda a cidade  
é uma orquestra de metais  
em inesperada atividade.  
Caxias, ecoam clarins  
sobre tuas colinas;  
O sol, é uma oferta de flores  
em tuas campinas.  
Quando mal adormeces  
já estás levantada:  
és do trabalho,  
a namorada.  
Tuas fábricas  
se contam às centenas.  
Um grande povo  
o teu nome enaltece;  
construindo riqueza,  
inspirando beleza  
que ao Brasil  
oferece.  
Nesta baixada,  
onde Caxias nasceu,  
o progresso e o lema  
que o trabalho escolheu.

## **YouTube**

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

De plagas distantes  
deste e de outros países,  
são os teus povoadores.  
Toda essa gente  
no esforço viril,  
de fazer do teu nome  
um pendão do Brasil.<sup>74</sup>

De acordo com Marlucia Santos de Souza, Barboza Leite através de seu hino, pensa a cidade como

uma orquestra, portanto, ordenada, hierárquica e harmoniosa, (...) As belezas produzidas pelo trabalho deveriam ser controladas pelo Estado ou pelo capital privado nacional". (...) O lugar da cidade de Caxias está dado (...) Assim, a cidade dos que apenas dormem nela, chamada por muitos de dormitório, atingiria a modernidade numa visão bem positivista, em que o progresso chegaria pela sua vocação: o trabalho. (SOUZA, 2014, p. 111)

Nessa perspectiva, pensamos que ao cruzar as leituras e interpretações das obras de Francisco Barboza Leite, poderemos perceber a complexidade de uma cidade que, inserida na região da Baixada, tenta construir suas próprias interpretações. Pensamos estar contribuindo para o debate na academia sobre a história da Baixada Fluminense, que neste momento, carece de pesquisas de caráter acadêmico, no que se refere à relação da história com a literatura. Apesar dos esforços de pesquisadores locais que se preocupam em analisar os movimentos sociais, a violência e os grupos políticos e culturais, é inexistente a produção acadêmica sobre o olhar da literatura sobre a história.

Ao reconhecer o município de Duque de Caxias como espaço de múltiplas identidades, consideramos as mesmas essenciais para o entendimento da nossa própria história, proporcionando condições de reconhecimento do homem duque-caxiense como sujeito do seu fazer, ampliando o conhecimento sobre o passado e buscando a reconstrução da sociedade por meio da leitura crítica do mundo vivido e de uma participação cidadã.

---

<sup>74</sup> Francisco Barboza Leite é autor da letra e música do Hino de "Exaltação à Cidade de Duque de Caxias". Os arranjos sinfônicos são do maestro Clóvis Ferreira Lima. O hino foi executado pela primeira vez no encontro de trabalhadores do município, na década de 60, no Sesi de Duque de Caxias. Apesar de ser tocado em vários eventos públicos, o hino só passou a ser oficial depois de mais de 40 anos. A lei que o tornou o hino oficial do município é do vereador Laury Villar, de 28 de dezembro de 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAR, 1988.

ALMEIDA, Tania Maria da Silva Amaro. *Olhares sobre uma cidade refletida: memória e representações de Santos Lemos sobre Duque de Caxias (1950-1980)*. Duque de Caxias: ASAMIH, 2014.

BELOCH, Israel. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um haussmann tropical – A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

BERNARDES, Lysia M. C.; SOARES, Maria Therezinha de S. *Rio de Janeiro: cidade e região*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura /Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro de. *De Merity a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2010.

BRAZ, Antonio Augusto. *Vidas em transição: a cidade e a vida na cidade em Duque de Caxias nas décadas de 1930 a 1950*. 2006. Dissertação (de Mestrado). Universidade Severino Sombra, Vassouras.

CARDOSO, Josué. Eles fizeram a história. *Revista da Cultura Caxiense*, Sessão "Memória Viva", edição nº 4. Duque de Caxias: SMC, dezembro de 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. Debate: literatura e história. *Revista Topoi*, n. 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

DUBY, Georges. *História social e ideologias das sociedades*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FRANÇA, Mário F. Panorama médico dos séculos XVI e XVII. In: *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1971, vol. 288.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LEITE, Francisco Barboza. *A grande feira de Duque de Caxias*. [S.l.]: [s.n.], 1984.

\_\_\_\_\_. *A verdadeira história da cidade de Duque de Caxias*. [S.l.]: [s.n.], 1984.

\_\_\_\_\_. *Estórias de retirantes*. [S.l.]: [s.n.], 1984.

\_\_\_\_\_. *Exaltação à cidade de Duque de Caxias*. [S.l.]: [s.n.], [1963?].

\_\_\_\_\_. *Trilhas, roteiros e lendas de uma cidade chamada Caxias*. Duque de Caxias: Consórcio de Administração de Edições, 1986.

\_\_\_\_\_; TORRES, Rogério. *Duque de Caxias. Foto poética*. [S.l.]: [s.n.], 1980.

LE MOS, Silbert dos Santos. *Sangue no 311*. Rio de Janeiro: Reper, 1967.

\_\_\_\_\_. *O negro Sabará*. Rio de Janeiro: Destaque, 1977.

\_\_\_\_\_. *Os donos da cidade*. Rio de Janeiro: Caxias Recortes, 1980.

LUSTOSA, José. *Cidade de Duque de Caxias*. Rio de Janeiro: Gráfica do IBGE, 1958.

MARQUES, Alexandre dos Santos. *Militantes da cultura numa área periférica*. 2005. Dissertação (de Mestrado). Universidade Severino Sombra, Vassouras.

MUSEU Histórico Nacional. *Anais MHN*, vol. 35. Rio de Janeiro: IPHAN/MINC, 2003.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: o problema dos lugares*. Trad.: Yara Khoury. *Projeto História – Revista do PEPGH/PUC*. São Paulo: PUC, 1981.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PERES, Guilherme. A fazenda de São Bento do Iguassú. In: TORRES, Gênesis. (Org.). *Baixada Fluminense: A construção de uma história*. Rio de Janeiro: IPAHB, 2004.

\_\_\_\_\_. *Baixada Fluminense: os caminhos do ouro*. Rio de Janeiro: Consócio de Edições, 1996.

SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o passado da cidade*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.